

5

Da iniciação da homossexualidade ao 'sair do armário'

Neste capítulo, focalizamos o processo de construção da homossexualidade do entrevistado, através de seus relatos, mostrando a rede social de convívio, da infância à adolescência, envolvendo sua família, os amigos e pessoas estranhas, em seu círculo social.

Informam a análise dos dados as seguintes perspectivas teóricas em relação à construção de identidades e projeções do 'eu': (i) o posicionamento sócio-interacional do 'eu' com o(s) outro(s) (Bucholtz & Hall, 2005); (ii) a interação e/ou silenciamento nessas relações, com implicações para 'sair' ou permanecer 'no armário' (Lead, 1999; Liang, 1999; Land & Kitzinger, 2005).

Do ponto de vista da análise da narrativa, as perspectivas teóricas são da análise da estrutura narrativa de experiência de vida de Labov (1972) e da estória de vida de Linde (1993). Reiteramos que estória de vida é concebida por Linde como uma unidade oral de interação social, que consiste de estórias e unidades discursivas associadas como crônicas e explicações e da relação entre elas, tendo como avaliação principal um ponto sobre o falante ou sobre eventos relevantes acontecidos com o falante (p.20-21).

Como veremos, na análise deste capítulo, as narrativas, crônicas e explicações co-construídas pelo entrevistado e entrevistador, no contexto da entrevista de pesquisa, envolvem acontecimentos relativos ao percurso da iniciação da homossexualidade, involuntária, no contexto da família, aos conflitos pelos quais o adolescente passa em sua rede de interação familiar e social, até se assumir como homossexual. No decorrer do relato dos acontecimentos, o adolescente traz suas avaliações.

5.1.

Iniciação da homossexualidade

A entrevista é iniciada pela auto-apresentação do entrevistador, como podemos ver no Fragmento 1. Logo após a auto-apresentação de Izaac, surgem as primeiras narrativas do adolescente.

Fragmento 1

L	Falante	Dados
01	Izaac	Brasília,
02		15 de Outubro de 2006,
03		domingo à tarde
04		16 horas e 49 minutos.
05		Meu nome é Izaac,
06		eu estou mestrando no programa de pós-graduação da PUC – Rio de
07		Janeiro, com o mestrado fora da sede, CESB – Valparaíso.
08		Meu mestrado é em Letras, em estudos da linguagem, estou fazendo
09		a minha... terceira entrevista com... o segundo entrevistado.
10		Pesquisei condição de identidade, sexualidade, gênero, narrativa e
11		histórias de vida.
12		Estou sendo motivado e orientado pela professora Maria das Graças
13		Dias Pereira, na área de sociolinguística interacional.
14		Esta minha primeira entrevista é com uma pessoa... com o nome
15		fictício de <u>Pedro</u> , ele vai se apresentar, eu passo a palavra, então,
16		agora pra, pra ele.

No fragmento 1, encontramos elementos da orientação de uma narrativa segundo Labov (1972): i) a localização e data, linhas 1 a 4, quando o entrevistador diz: “Brasília, 15 de Outubro de 2006, domingo à tarde, 16 horas e 49 minutos.”

Nas linhas 6 à 13, observamos, na auto-apresentação de Izaac, as suas construções identitárias como estudante e pesquisador: “eu estou mestrando no programa de pós-graduação da PUC – Rio de Janeiro, com o mestrado fora da sede, CESB – Valparaíso. Meu mestrado é em Letras, em estudos da linguagem, estou fazendo a minha... terceira entrevista com... o segundo entrevistado. Pesquiso condição de identidade, sexualidade, gênero, narrativa e histórias de vida. Estou sendo motivado e orientado pela professora Maria das Graças Dias Pereira, na área de sociolinguística interacional.”

O entrevistador faz a abertura/ prefácio da entrevista nas linhas 14 à 16 e passa a palavra para Pedro: “Esta minha primeira entrevista é com uma pessoa...”

com o nome fictício de Pedro, ele vai se apresentar, eu passo a palavra, então, agora pra, pra ele.”

No fragmento 2, Pedro se apropria de um turno mais longo e inicia também pela contextualização, se auto-apresentando, como fez o entrevistador.

Fragmento 2

17	Pedro	Meu nome é Pedro,
18		tenho dezoito anos e:
19		moro atualmente na Ceilândia com a minha mãe e com a minha
20		irmã, mas anteriormente eu já morei em Taguatinga com a minha tia
21		e o meu primo e o meu tio.
22		Ahh: eu estudo, faço cursinho pré-vestibular e::
23		eu já trabalhei, é: estou- eu já morei com amigos durante três meses,
24		por motivos de é... problemas familiares.
25		Ahh:: em relação à sexualidade,
26		e:u: tudo aconteceu quando eu tinha cinco anos de idade, eu me
27		lembro que quando a primeira coisa aconteceu comigo,
28		foi com um primo mais velho, eu tinha cinco anos de idade e ele
29		tinha dezessete anos de idade.
30		Eu me lembro que ele tinha problemas com drogas, então ele me
31		levava pra dentro do quarto, e mostrava o pênis pra mim, e pedia
32		pra eu beijar.
33		Foi daí então, que: eu comecei a senti:r a olhar diferente pra
34		homem, pra outros homens.
35		É:: é:. daí, quando eu tinha doze anos de idade, outra vez
36		aconteceu comigo dentro de casa <u>junto</u> com o meu tio, e ele é- todo
37		mundo saiu de casa e eu fiquei sozinho com ele, e ele me: me: se
38		masturbou na minha frente. (3.0)
39		Uhh.. Foi daí que eu comecei a, é... me sentir atraído por outros
40		homens,
41		eu não sei explicar se foi por causa da: de eu ter sido... é: ter sido
42		aproveitado... pelo meu tio e pelo meu primo(3.0)

O fragmento 2 traz a auto-apresentação de Pedro: nome, idade, moradia, estudo, trabalho nas linhas 17 a 24. Primeiramente, ele diz o nome na linha 17: “Meu nome é Pedro” e depois vai se construindo ao falar a idade de “dezoito anos” (linha 18), sobre os estudos: “eu estudo, faço cursinho pré-vestibular” (linha 22), o trabalho: “eu já trabalhei” (linha 23) e as moradias que já teve (linhas 19 a 23): hoje ele mora com a mãe e irmã: “atualmente na Ceilândia com a minha mãe e com a minha” (linha 19), mas já morou na casa de parentes: “já morei em Taguatinga com a minha tia e o meu primo e o meu tio.” (linhas 20 e 21) e de amigos “eu já morei com amigos durante três meses” (linha 23). Os motivos das mudanças de moradia estavam relacionados aos conflitos familiares que ele enfrentava. Pedro, ao falar de suas moradias, mostra a importância para a sua

construção de identidade de se ter um ambiente para morar com relacionamentos familiares estáveis e saudáveis.

Pedro introduz a recapitulação de experiências na linha 25 - “Ahh:: em relação à sexualidade”, em forma de resumo. Podemos ver que ele retoma um dos tópicos introduzidos pelo entrevistador (linha 10) e estabelece o ponto de início de sua homossexualidade: “e:u: tudo aconteceu quando eu tinha cinco anos de idade, eu me lembro que quando a primeira coisa aconteceu comigo”(linhas 26 e 27). Esse início funciona também como orientação de sua narrativa, quando traz então o personagem-primo, a quem atribui o início de seu homoerotismo. O primo é caracterizado pela oposição de idade “eu tinha cinco anos de idade e ele tinha dezessete anos de idade” (linhas 28 e 29) e pelos problemas com drogas “Eu me lembro que ele tinha problemas com drogas” (linha 30). Esta é a ação principal, complicadora – caracterizada não como um evento pontual, como propõe a narrativa laboviana; mas como uma ação do tempo imperfeito, que sugere repetição: “então ele me levava pra dentro do quarto, e mostrava o pênis pra mim, e pedia pra eu beijar” (linhas 30 a 32).

Pedro usa a oração que está no presente do indicativo e que não é uma oração narrativa (Labov, 1972): “Eu me lembro” (linha 30) para se referir a eventos diferentes que se relacionam o com primo: ele tinha problemas com drogas (linha 30) e então ele me levava pra dentro do quarto, e mostrava o pênis pra mim, e pedia pra eu beijar” (linhas 30 a 32).

A resolução tem um caráter avaliativo; encontra-se nas linhas 33 e 34: “Foi daí então, que: eu comecei a senti:r a olhar diferente pra homem, pra outros homens.”

A seguir, Pedro traz outra narrativa que contém também os elementos da narrativa laboviana. Após a ação complicadora, a resolução tem também um caráter avaliativo, complementar à avaliação da 1ª narrativa: “e Uhh.. Foi daí que eu comecei a, é... me sentir atraído por outros homens” (linhas 33 e 34). Podemos ver que, neste momento, ele marca o seu início do homoerotismo.

Por fim, temos a coda, que é marcada por posicionamento com marcador de hesitação de Pedro diz “eu não sei explicar” (linha 41). Em seu posicionamento, ele se projeta como vítima das circunstâncias “se foi por causa

da: de eu ter sido... é: ter sido aproveitado... pelo meu tio e pelo meu primo” (linhas 41 e 42). A sua iniciação do homoerotismo é então projetada de forma não agentiva.

Esta fala traz narrador e ouvinte de volta ao presente e à conversa, com o caráter avaliativo em relação ao narrador e às circunstâncias dos acontecimentos (Linde 1993, p. 21, p. 71-72) que deixa o adolescente como um sujeito paciente. Esse posicionamento compatibiliza-se com a crença que existe no senso comum, uma vez que a sociedade sempre procura um motivo para uma pessoa ser homoerótica: uma pessoa homoerótica pode ter sido molestada quando criança (Castañeda, 2007).

5.2

Relações conflituosas de convívio com a família

A rede de relações familiares de Pedro envolve muitos conflitos. O início dos seus conflitos homossexuais acontecem no seio da família (Castañeda, 2007). Quando surgem as primeiras pistas da descoberta do homoerotismo, o adolescente pode desorientar-se, pois geralmente não tem apoio familiar e teme a rejeição dos pais (Isay, 1998).

Os pais reagem de várias formas ao tomarem conhecimento do homoerotismo dos filhos (Isay, 1998; Mott, 1996) e os adolescentes em suas relações familiares interagem ou silenciam o seu discurso (Lead, 1999).

5.2.1

Os conflitos com a mãe e o padrasto

Os próximos fragmentos envolvem os conflitos de Pedro com a mãe e a análise deles parte da pergunta do entrevistador nas linhas 197 a 200 que retoma a questão desses conflitos já iniciada anteriormente nas linhas 136 a 147, quando Pedro conta as primeiras brigas durante as quais sua mãe o xingava: “ela já me chamou de ga:y, já me chamou de via:do, coloquei desgosto na vida dela” (137) e “me chamaria de viado como já... já aconteceu” (146).

Fragmento 3

197	Izaak	Eu queria que você voltasse no ponto lá em que você disse que discutia com a sua mãe. Depois que você assumiu, o lado ruim que aconteceu foi esse, então, eu acho que não ficou muito clara a questão... quanto à- como foi?
198		
199		
200		
201	Pedro	Eu tenho tipo... eu tenho um péssimo... eu tenho um péssimo, péssimo relacionamento com a minha mãe, porquê: a gente tem diferenças, muitas diferenças. Eu não fui criado com a minha mãe, ela:: eu fui morar com ela a partir dos quator- dos quinze anos de idade, então...
202		
203		
204		
205		
206	Izaak	[Morava com quem?
207	Pedro	Morava com a minha tia.

O fragmento 3 traz uma fase da entrevista narrativa, a iniciação contendo um tópico para narração: o desenvolvimento de problema já mencionado por Pedro: “ponto lá em que você disse que discutia com a sua mãe” – linhas 197 a 200. A linha 197 refere-se ao fragmento seguinte 3ª, que aparece anteriormente na entrevista. O entrevistador usa o recurso de formular uma pergunta ao entrevistado para obter dados que interessam à investigação (Gil, 1987, p.113).

Pedro, em sua resposta, retoma como era a relação com a mãe e, nas linhas 201 a 203, faz uma avaliação (Linde, 1997): “Eu tenho tipo... eu tenho um péssimo... eu tenho um péssimo, péssimo relacionamento com a minha mãe, porquê: a gente tem diferenças, muitas diferenças”. Da linha 203 à 205, ele faz um breve relato: “Eu não fui criado com a minha mãe, ela:: eu fui morar com ela a partir dos quator- dos quinze anos de idade, então...” que é interrompido pelo Izaak com a pergunta: “[Morava com quem?” (linha 206). Desde o início da entrevista, Pedro nos mostra a importância de com quem ele mora. Ele reafirma isso no breve relato das linhas 203 a 205 e em sua resposta na linha 207: “Morava com a minha tia.”

O fragmento 3a traz um relato (linhas 136 a 138):

Fragmento 3a

136	Pedro	<u>S</u> ó que às vezes a minha mãe joga i:sso na minha cara, muitas vezes a
137		gente já brigou e ela já me chamou de ga:y, já me chamou de via:do,
138		coloquei desgosto na vida dela.

No relato acima, as identidades “gay, viado” se tornam relevantes, pois a mãe usa estes termos, que têm um significado de diminuir e estigmatizar o homoerótico, como xingamento para atingir o filho. Por meio dessa linguagem, ela dissemina o estigma de ser homoerótico e reafirma uma identidade culturalmente construída com um baixo *status* na sociedade. O relato encerra-se com uma avaliação negativa: “desgosto na vida dela” (linha 138).

A seguir, surge uma narrativa com foco nas relações com a mãe, envolvendo o convívio com o padrasto. A narrativa se inicia a partir do pedido do entrevistador Izaac: “Me conta um caso que aconteceu” (linha 220).

Fragmento 4

220	Izaac	→ [Me conta um caso que aconteceu
221	Pedro	A gente só se ofende com palavras. Outro dia, a gente estava discutindo e:
222		em relação ao meu padrasto.
223	Izaac	E como começou?
224	Pedro	Começou ela:: falando: ele chegou e pediu pra usar o som lá em casa,
225		colocar o som muito alto lá em casa... dez horas da noite.
226		Dez horas da noite ele queria colocar o som muito alto lá dentro de casa,
227		eu não- eu falei que ele não ia ligar o som, porquê já estava tarde, e que:
228		não ia ligar,
229		aí ela achou ruim, eu ter falado daquele jeito com ele, que ele tinha o
230		direito de ficar lá em casa, que a casa também é dela e que:: quem manda
231		lá é ela, e ele ia ouvir o som sim, e eu falei que não ia ouvir e a gente
232		começou a discutir.
233		Eu falei que ela é uma pessoa que está acabando com a vida dela porquê
234		tava ficando com ele e tudo, aí ela pegou-
235		eu falei pra ela que ela é muito, muito ruim aí ela falou que o pior de tudo
236		na vida dela é ter um filho gay e que: ela tem que aceitar- eu tenho que
237		aceitar ela do jeito que ela é, com quem ela quiser ficar eu vou ter que
238		aceitar, e: eu- e por isso- assim como ela me aceita eu tenho que aceitar ela
239		também, com quem ela quiser ficar. E falou que perto dos amigos dela eu
240		sou o viado, o filho viado.←

A narrativa traz um resumo que ocorre nas linhas 221 e 222: “A gente só se ofende com palavras. Outro dia, a gente estava discutindo e: em relação ao meu padrasto.” Este resumo focaliza os conflitos, discussões e ofensas entre mãe e filho. No início do resumo, o narrador faz uma avaliação: “A gente só se ofende

com palavras” (linha 221) e inicia a orientação: tempo - “Outro dia” (linha 221), personagens – “a gente” (linha 221) e “meu padrasto” (linha 222).

Na linha 223, podemos ver que a narrativa é co-construída. O entrevistador interrompe a contextualização e faz uma pergunta que já traz o “como” do relato: “E como começou?”

Pedro inicia o como com a fala “Começou ela” (linha 224) e imediatamente reformula e posiciona o padrasto “ele chegou e pediu pra usar o som lá em casa” (linha 224). A narrativa mostra o conflito e desarmonia familiar.

Nas linhas 224 a 228, temos a ação complicadora que nos traz várias repetições que dão o tom do conflito. Pedro nos mostra o seu incômodo com o conflito que enfrenta em casa ao repetir três vezes a expressão “colocar o som muito alto” e uma vez: “Dez horas da noite”. Este recurso discursivo de repetição, segundo Labov (1972), é uma forma de avaliação feita pelo narrador e que remete ao estado emocional dele, indicando a sua situação tensa, como vemos a seguir: a primeira repetição – “Começou ela.: falando: ele chegou e pediu pra usar o som lá em casa” (linha 224) e “colocar o som muito alto lá em casa” (linha 225); a segunda repetição – “e pediu pra usar o som lá em casa” (linha 224) e “queria colocar o som muito alto lá dentro de casa” (linha 226); a terceira repetição – “dez horas da noite” (linha 225) e “Dez horas da noite” (linha 226); a quarta repetição – “eu falei que ele não ia ligar o som, porquê já estava tarde, e que: não ia ligar” (linhas 227 e 228).

Nas linhas 229 a 232, temos o resultado que contém um discurso relatado entre o adolescente e sua mãe, com vários recursos de repetição, também indicando avaliação (Bastos, 2005).

Na linha 229, “aí ela achou ruim”, temos uma avaliação encaixada usada como recurso por Pedro que mostra o sentimento como algo que estava ocorrendo ao invés de se dirigir ao ouvinte/entrevistador.

Pedro sinaliza o início de outra narrativa com a frase: “e a gente começou a discutir” (linha 232). Esta narrativa contém vários discursos relatados que envolvem a discussão entre mãe e filho: na linha 233, ele usa o recurso avaliativo “está acabando com a vida dela” ao relatar o que disse para a mãe no início da discussão: “é uma pessoa que está acabando com a vida dela porque tava ficando

com ele” (linhas 233 e 234), o padrasto. O entrevistado continua com o mesmo processo de contar o que disse para a mãe com avaliação e, na linha 235, usa o recurso da repetição: “eu falei pra ela que ela é muito, muito ruim” (linha 235).

Partindo do princípio de que Pedro é o autor de sua história, portanto é ele que escolhe as palavras para usar e escolhe também a forma de colocá-las na sua narrativa, analisaremos a projeção do seu “eu” e os alinhamentos que adota e posicionamentos que traz em sua voz. Primeiramente ele adota um alinhamento de discordância e oposição ao padrasto: “eu falei que ele não ia ligar o som” (linha 227); ao falar “Eu falei que ela é uma pessoa que está acabando com a vida dela” (linha 233). Pedro alinha-se à mãe como um adulto que aconselha e avalia as ações dela “eu falei pra ela que ela é muito, muito ruim” (linha 235).

Com a frase: “aí ela falou que o pior de tudo na vida dela é ter um filho gay” (linhas 235 e 236), o foco foi direcionado para o homoerotismo de Pedro. Ele traz a voz da mãe que o posiciona como um filho gay: “ela falou que o pior de tudo na vida dela é ter um filho gay” e “que: ela tem que aceitar”. A mãe vê o homoerotismo do filho como um problema ou um peso que ela tem que carregar, na expressão “tem que aceitar”, porque foi imposta a ela a condição de ser uma mãe de homoerótico e, por isso, ela é obrigada a aceitar.

Na linha 240, Pedro alinha a mãe e os amigos dela como heterossexuais e ele como homoerótico estigmatizado: “E falou que perto dos amigos dela eu sou o viado, o filho viado. ←” (linha 240). A carga semântica da palavra viado é muito negativa, geralmente é usada como xingamento e, socialmente, uma das exigências da masculinidade hegemônica é rejeitar os homoeróticos e demonstrar isso com xingamentos e às vezes com agressões físicas, no caso a homofobia.

É importante lembrar mais uma vez que as palavras e expressões das narrativas foram escolhidas e colocadas por Pedro, o que faz com que ele co-construa, através de relatos de seu convívio familiar, sua identidade sexual estigmatizada.

Em alguns momentos, notamos que Pedro deslegitima as identidades fixas e os papéis pré-determinados para pais e filhos. Geralmente, os pais são os responsáveis pelo lar, e não uma criança ou adolescente. Pedro se posiciona como um dos responsáveis pela casa quando diz: “eu falei que ele não ia ligar o som”

(linha 227), e a mãe é posicionada como uma pessoa que cobra também um pertencimento e autoridade no lar: “que a casa também é dela e que quem manda lá é ela” (linha 230 e 231). Ele exerce uma posição de autoridade e enfrentamento com o padrasto ao dizer “que: não ia ligar” (linha 228) e, para sustentar a sua posição, usa a explicação: “porquê já estava tarde” (linha 227).

Outra inversão de papéis acontece quando Pedro interfere na vida amorosa da mãe e avalia o que se passa com ela “Eu falei que ela é uma pessoa que está acabando com a vida dela” (linha 233) e usa a explicação “porquê tava ficando com ele” (linha 234). E a mãe usa um recurso muito utilizado pelos adolescentes, que é a negociação ou a conhecida “chantagem”. E assim mãe e filho são alinhados como semelhantes que têm diferenças e necessidade de aceitação delas um pelo outro: “eu tenho que aceitar ela do jeito que ela é, com quem ela quiser ficar eu vou ter que aceitar, e: eu- e por isso- assim como ela me aceita eu tenho que aceitar ela também, com quem ela quiser ficar”(linhas 237-239).

5.2.2

A evitação do pai

Nesta seção, vemos Pedro tentando apresentar o seu pai para o entrevistador. O entrevistador não fez perguntas de forma direta sobre o pai. A escolha por falar sobre o pai é de Pedro, em um turno longo sobre como assumiu a homossexualidade. Podemos ver, a seguir, como a temática sobre o pai surge.

Fragmento 5a

430	Pedro	O meu pai... eu não convivi com ele, eu, eu conheci o meu pai
431		quando eu tinha dezesseis anos de vida... quando eu tinha quatorze
432		anos de idade, porquê a minha mãe teve um caso extraconjugal com
433		ele, e: ela colocou ele na justiça, então a gente teve que fazer exame
434		de paternidade e tudo quando eu tinha quatorze anos de idade, pra
435		ele poder me assumir.
436		Então:: ele mora em outro estado e:: a gente não tem uma relação
437		assim, muito próxima de pai e filho, a gente tem uma relação mais
438		assim, de duas pessoas estranhas, que só resolvem problemas que a
439		gente tem que resolver de pensão, de resolver: comprar alguma coisa
440		pra mim que eu to precisando, mas de relação de pai e filho mesmo,
441		a gente nunca teve, até mesmo porquê eu não convivi com ele desde
442		pequeno,
443		eu vim conhecer ele quando eu já tinha quatorze anos de idade. ←

Nas linhas 430 a 436, encontramos uma narrativa em que Pedro recapitula as experiências passadas, combinando uma seqüência verbal de orações com uma seqüências de eventos (Labov e Waletzky, 1967; Labov, 1972). Esta narrativa contém elementos da narrativa laboviana, mas não tem a seqüência de resumo inicial seguido de uma seção de orientação, depois a ação complicadora, a resolução e a coda. A narrativa que Pedro faz tem a seqüência: resumo, ponto da narrativa, ação complicadora, resultado, orientação, avaliação e ponto da narrativa.

O motivo pelo qual esta narrativa é contada, ou seja, o “ponto da narrativa” (Bastos, 2005) aparece duas vezes, a primeira nas linhas 430 a 432: “eu, eu conheci o meu pai quando eu tinha dezesseis anos de ida... quando eu tinha quatorze anos de idade” e a segunda na linha 433: “eu vim conhecer ele quando eu já tinha quatorze anos de idade”. Este último ponto será analisado nos próximos parágrafos.

Para abrir a narrativa sobre o pai, Pedro usa um elemento da narrativa laboviana, o resumo: “O meu pai... eu não convivi com ele” (linha 430). A esse resumo inicial, segue-se o ponto da narrativa: “eu, eu conheci o meu pai quando eu tinha dezesseis anos de ida... quando eu tinha quatorze anos de idade” (linhas 430 a 432). Depois vem a estória propriamente dita, ação complicadora: “porquê a minha mãe teve um caso extraconjugal com ele, e: ela colocou ele na justiça” (linhas 432 e 433). Nesta narrativa, há uma finalização da ação complicadora, a resolução: “então a gente teve que fazer exame de paternidade e tudo quando eu tinha quatorze anos de idade, pra ele poder me assumir” (linhas 433 a 435). Para contextualizar o evento que está sendo relatado, Pedro faz uma orientação, indicando o personagem-pai e o lugar que mora: “Então:: ele mora em outro estado” (linha 436). Entre a orientação (linha 436) e o ponto da narrativa (linha 433), há uma informação com uma carga dramática ou clima emocional, é a avaliação: “a gente não tem uma relação assim, muito próxima de pai e filho” (linhas 436 e 437). Na linha 433, Pedro expõe o ponto da narrativa pela segunda vez: “eu vim conhecer ele quando eu já tinha quatorze anos de idade” (linha 433).

No fim de sua história, podemos entender que, para Pedro, é difícil apresentar o seu Pai, pois tem o desconforto de não conviver com ele. Este

desconforto pode ser evidente também em sua história, pois ele narra os eventos até chegar à informação de que só conheceu o pai aos quatorze anos, então era difícil para ele falar com detalhes sobre o pai.

Fragmento 5b

444	Pedro	Eu não assumi pra ele... de ser homossexual, porquê eu não convivi com ele, eu não acho essa... não tem essa necessidade de falar, “Poxa, ele é o meu pai, ele tem que saber que eu sou gay”, porquê até mesmo, porquê ele já tem 73 anos de idade, e na cabeça dele, isso não é uma coisa certa, isso é uma coisa errada. Tanto é que ele não aceita nem que eu use brinco, porquê ele já: tem tradições um:ito antigas, de que homem tem que ser homem sem usar brinco, sem- sem usar nada de mulher, pra ele... ele já é assim, uma pessoa... ele é uma pessoa um:ito, mas muito antiga, ele nasceu em 1934, há muito tempo atrás. E:: pra ele, um cara já ter um cabelo muito <i>fa:shion</i> , umas roupas assim, homem geralmente, hoje em dia ta usando camisa ro:sa, pra ele isso já é: fora de cogitação já, então imagina saber que o filho dele, mesmo sendo extraconjugal, sa- saber que é gay? Ele vai dar um... um, um infarto. (3.0) O fato de eu não assumir, não é que eu esteja concordando com o que ele pensa, mas é porquê vai me trazer complicações. Porque: eu penso, por exemplo, <u>se</u> eu assumir pro meu pai que eu sou homossexual, ele: ele já não me ajuda muito com o que eu preciso, já não dá muita a atenção que eu queria que ele me desse, imagina se ele soubesse que eu sou homossexual? Ele vai virar as costas pra mim, vai tirar a minha pensão, vai parar de me ajudar, vai: vai nem mais querer saber de mim. Então... se ele souber, eu to frito por causa disso... entendeu?
445		
446		
447		
448		
449		
450		
451		
452		
453		
454		
455		
456		
457		
458		
459		
460		
461		
462		
463		
464		
465		
466		
467		

Pedro posiciona-se em relação ao pai evitando a sua homossexualidade. Ele não assume a homossexualidade para o pai porque as construções identitárias do pai de não aceitação da sexualidade gay tornam-se relevantes: “Eu não assumi pra ele... de ser homossexual, porquê eu não convivi com ele, eu não acho essa... não tem essa necessidade de falar” (linhas 444 e 445).

Na fala de Pedro, encontramos as construções de categorias identitárias (Sacks, 1992) do pai e de não aceitação da sexualidade gay: a primeira é que ser gay “não é uma coisa certa, isso é uma coisa errada” (linha 448); a segunda, homem precisa ser homem e não pode usar acessórios que mulheres usam, como brinco: “...homem tem que ser homem sem usar brinco, sem- sem usar nada de mulher” (linhas 450 e 451); a terceira diz respeito à aparência, na fala de pedro, ao cabelo: “E:: pra ele, um cara já ter um cabelo muito *fa:shion*,” (linha 454) e a

quarta é construída pela forma que o homem se veste: “umas roupas assim, homem geralmente, hoje em dia ta usando camisa ro:sa,” (linhas 454 e 455).

Pedro tem um posicionamento de evitação quando não assume a sexualidade para o pai e tem um alinhamento que difere deste: “O fato de eu não assumir, não é que eu esteja concordando com o que ele pensa, mas é porquê vai me trazer complicações.” (linhas 459 e 460)

5.3

O silenciamento com estranhos

Nesta seção, analisamos os elementos que podem fazer com que haja o silenciamento ou o discurso silencioso (Lead, 1999, p. 266-67), com implicações para ‘sair’ ou permanecer ‘no armário’ (Liang, 1999; Land & Kitzinger, 2005).

Fragmento 6

319	Izaak	O fato de você ter falado, de ter assumido a sua sexualidade, você não sofre mais?
320		
321	Pedro	Sofro, continuo sofrendo. Mas, num outro sentido.
322	Izaak	Qual sentido?
323	Pedro	De, por exemplo, não poder transparecer pras pessoas no meio da rua quando eu tô com um: namorado, >uma pessoa que eu gosto<, eu acho que isso é sofrer, é você- gay sofre, o gay sofre isso, essa discriminação das pessoas.
324		
325		
326		
327	Izaak	→ Já aconteceu algum caso?
328	Pedro	Já aconteceu de:: a gente, por exemplo, ta: com os amigos e dar um abraço, alguma coisa assim: e pegar na MÃO, pegar no braço, fazer algum tipo de cari:inho.
329		
330		
331		Olha, outro dia, eu tava co:m os meus amigos no: no: Taguatinga Shopping e: a gente tava brincan:do e tu:do, e um cara passou e falou e falou assim, “Esses viados são muito filhos da puta”.
332		
333		
334		Então, esse é um tipo de discriminação, porquê: um: pessoas que se gostam não podem... mostrar sentimento, carinho uma pela a outra, porquê tem medo de uma pessoa preconceituosa achar ruim.
335		
336		
337		A gente fica muito aflito, muito chateado e constrangido com uma situação dessas, porquê: é muito ruim você- uma pessoa que você não conhece, a pessoa virar pra você e chamar de filho da puta, por causa disso. (3.0)
338		
339		
340		

No fragmento 6, encontramos co-construções nas falas do entrevistador e do entrevistado. Algumas co-construções são feitas com a utilização e continuação de um termo citado. O entrevistador pergunta: “você não sofre mais?” (linha 319) e Pedro responde: “Sofro, continuo sofrendo. Mas, num outro

sentido.” (linha 321). Izaac dá continuidade à fala de Pedro: “Qual sentido?” (linha 322). Ao fazer a sua pergunta nas linhas 319 e 320, o entrevistador nos mostra uma co-construção do que já foi falado sobre assumir a homossexualidade nas linhas anteriores. Pedro também vai co-construindo o seu discurso com as perguntas de Izaac.

A partir da linha 323, Pedro constrói o seu *self* baseando-se no outro. A referência é o estranho que não pode reconhecê-lo como homoerótico por causa da preocupação e medo de ser alvo de homofobia. Ele demonstra o sofrimento que sente por causa de seu silenciamento com os estranhos e da discriminação das pessoas: “De, por exemplo, não poder transparecer pras pessoas no meio da rua quando eu tô com um: namorado, >uma pessoa que eu gosto<, eu acho que isso é sofrer, é você- gay sofre, o gay sofre isso, essa discriminação das pessoas” (linhas 323 a 326). Depois da fala de Pedro sobre o sofrimento de não poder transparecer o seu homoerotismo, surge a narrativa das linhas 328 a 334 para exemplificar o que foi dito antes.

Na narrativa que surge nas linhas 328 a 334, há elementos da narrativa de Labov. Nas três primeiras linhas, temos um resumo: “Já aconteceu de:: a gente, por exemplo, ta: com os amigos e dar um abraço, alguma coisa assim: e pegar na MÃO, pegar no bra:ço, fazer algum tipo de cari:nho” (linhas 328 a 330). A seguir, temos a orientação nas linhas 331 e 332 – personagens: “eu tava co:m os meus amigos” – lugar: “no: Taguatinga Shopping” que é seguida pela ação complicadora: “e um cara passou e falou e falou assim, “Esses viados são muito filhos da puta” (linhas 332 e 333). A narrativa se encerra com uma coda que exerce a função avaliativa: “Então, esse é um tipo de discriminação” (linha 334).

No próximo fragmento, temos uma narrativa que a interação de Pedro se dá pelo poder que os estranhos exercem sobre o homoerótico para que ele silencie a sua sexualidade. Pedro dá continuidade à conversa com Izaac sobre assumir a sexualidade para a família e os estranhos.

Fragmento 7

351	Pedro	Eu nunca precisei, por exemplo, brigar com ninguém por causa de: de:
352		aceitar a- me aceitar como homossexual.
353		Olha, quando eu- uma vez eu tava dentro da lotação, e o rapaz tava- tava
354		falando, o cobrador e o motorista tavam conversando sobre homo- homo-
355		sobre homossexual, e eu: o cobrador virou pra mim e falou assim, ↑
356		“Hoje entrou aqui dentro da lotação, dois viados e eles ficaram mexendo
357		com o motorista”, o cobrador falou isso pra mim, sem imaginar que eu
358		era gay, que eu sou gay.
359		Então, é: eu não virei pro cobrador e falei pra ele que eu sou gay, eu falei
360		“Olha, você está falando de gay e eu sou gay”. Eu até pensei em falar,
361		mas não vi a necessidade de falar. (3.0)

No fragmento 7, encontramos o resumo nas linhas 351 e 352: “ Eu nunca precisei, por exemplo, brigar com ninguém por causa de: de: aceitar a- me aceitar como homossexual” , a orientação está entre as linhas 353 e 354: “Olha, quando eu- uma vez eu tava dentro da lotação, e o rapaz tava- tava falando, o cobrador e o motorista tavam conversando sobre homo- homo- sobre homossexual”, a ação complicadora inicia na linha 355 quando o cobrador vira para Pedro e diz: “e eu: o cobrador virou pra mim e falou assim, Hoje entrou aqui dentro da lotação, dois viados e eles ficaram mexendo com o motorista,” temos uma avaliação na linha 358: : “sem imaginar que eu era gay, que eu sou gay”, por fim, coda e uma avaliação: “Eu até pensei em falar, mas não vi a necessidade de falar” (linhas 360 e 361).

Nas linhas 360 e 361, Pedro silencia o seu discurso de que é gay porque não viu necessidade de se assumir: “Eu até pensei em falar, mas não vi a necessidade de falar”. O seu *self* estava sendo culturalmente aprovado como um heterossexual (Liang,1999). O cobrador e o motorista da lotação são construídos como heterossexuais que vêem o gay por um dos estigmas que ele carregada: o gay é sujeito que vai sinalizar com olhares e gestos que se interessou sexualmente por um heterossexual: “Hoje entrou aqui dentro da lotação, dois viados e eles ficaram mexendo com o motorista” (linhas 356 e 357). Por estes motivos, Pedro silenciou o seu homoerotismo, pois ficou muito difícil falar ou assumir-se como homoerótico para os estranhos.

5.4

A revelação para os amigos

Assumir o homoerotismo para os amigos é saudável, pois ajuda o homoerótico a superar as dificuldades e os transtornos causados pela estigmatização e rejeição por parte de colegas, estranhos e familiares. No próximo fragmento desta seção, analisaremos uma narrativa de Pedro sobre a relação com os amigos.

Fragmento 8

164	Pedro	→ Eu tenho uma amiga de infância, chamada Maria, ela: não sabia
165		de mim, então, o quê que acontece? Por curiosidade, a primeira vez
166		que eu transei com um homem, foi com o irmão dela.
167		E ela é a minha amiga de infância, então, é:: eu decidi assumir pra
168		ela <u>que</u> eu era gay.
169		Eu tinha um namoradinho que eu falava pra ela que era namorada, aí
170		ela pegou e começou a desconfiar e perguntou se eu sentia atração
171		por homem, e eu decidi contar pra ela que eu era gay.
172		E eu fiquei com medo de: piorar a situação ma- piorar o: o: o nosso
173		relacionamento, mas aconteceu ao contrário, fez foi melhorar.
174		E:: depois disso, amigos da escola, é:: eu assumi pra dois amigos
175		meus, um casal de amigos meus, e: daí eles pegaram e fizeram:-
176		melhorou a nossa relação de amizade, não tem nenhum tipo de
177		discriminação, principalmente da parte da-das minhas amigas, que
178		falam que, é:: a gente tem que ser aquilo que é, independente de
179		qualquer coisa... ←

No fragmento 8, temos narrativas breves com alguns elementos da narrativa laboviana tais como: resumo, ponto da narrativa, orientação e resultado. Temos também a avaliação, mas não há a ação complicadora explícita, portanto são diferentes das narrativas labovianas.

Pedro inicia sua narrativa com a apresentação de sua amiga de infância: “Eu tenho uma amiga de infância” (linha 164). Ele segue imediatamente com a história sobre como revelou o seu homoerotismo para uma amiga cujo irmão foi o primeiro homem com quem ele se relacionou sexualmente. Na linha 164, encontramos o resumo da narrativa: “Eu tenho uma amiga de infância, chamada Maria, ela: não sabia”; segue-se o ponto da narrativa nas linhas 165 e 166: “a primeira vez que eu transei com um homem,”; na linha 167, o narrador repete a informação do resumo, dando ênfase em sua amiga: “E ela é a minha amiga de

infância”. Nas linhas 167 a 171, temos uma seção de orientação, que contextualiza o evento a ser relatado, indicando os personagens: amiga de infância: “E ela é a minha amiga de infância” (linha 167) e o namoradinho: “Eu tinha um namoradinho” (linha 169). Nas linhas 170 e 171, há um outro motivo para esta narrativa ser contada, é o ponto da narrativa: “ e perguntou se eu sentia atração por homem, e eu decidi contar pra ela que eu era gay.” A esse ponto da narrativa, segue-se uma etapa de resolução dos eventos das linhas 164 a 171 com um recurso avaliativo: “E eu fiquei com medo de: piorar a situação ma- piorar o: o: o nosso relacionamento, mas aconteceu ao contrário, fez foi melhorar.” (linhas 172 e 173).

A partir da linha 174, temos outra narrativa breve que trata também da relação com os amigos e a revelação de sua sexualidade, o término se dá nas linhas 178 e 179. Pedro inicia com um resumo na linha 174: “E:: depois disso, amigos da escola”, segue com uma orientação dos personagens: “dois amigos meus, um casal de amigos meus” (linhas 174 e 174). Da linha 175 à 179, o narrador finaliza fazendo avaliações positivas com base na reação benéfica de seus amigos: “e: daí eles pegaram e fizeram:- melhorou a nossa relação de amizade, não tem nenhum tipo de discriminação, principalmente da parte da-das minhas amigas, que falam que, é:: a gente tem que ser aquilo que é, independente de qualquer coisa... ←”

5.5

Assumindo a homossexualidade

Nesta seção, Pedro posiciona-se e usa explicações sobre assumir o homoerotismo. A análise é feita com as explicações (Linde 1993), crônicas e alinhamentos/posicionamentos (Goffman, 2002) que Pedro assume em relação a si mesmo, à mãe e à tia.

Linde (1993) emprega o termo explicação para descrever a estrutura lingüística de uma determinada unidade do discurso. Pedro utiliza estas unidades do discurso e tem uma estrutura particular que começa com uma indicação de alguma proposição a ser provada, e segue-se então uma seqüência das indicações das razões. Ele se utiliza também de crônicas, que são relatos que pertencem ao

universo da narrativa, encadeamentos de eventos que não têm um único foco interno avaliativo (Linde, 1993, p. 84) como veremos nas análises dos fragmentos a seguir.

Fragmento 9:

43	Pedro	Hoje eu me declaro homossexual, porquê: eu já tive relacionamentos
44		com outros homens e:: é::...eu gosto de ficar com homens, por isso eu
45		me declaro homossexual. (3.0)
46		De- Eu comecei a ficar com homem desde os quinze anos de idade.
47		(3.0)
48		Eu assumi a homossexualidade com dezesseis anos de idade,
49		eu sentia a necessidade de assumir por conta que eu morava com a
50		minha tia nessa época e:: ela comen-
51		foi uma fase da minha vida em que eu comecei a me descobrir como
52		homossexual de verdade, porquê eu tava saindo é:: com, com uma
53		peessoa e ele me convidava pra sair.
54		Eu queria sair com ele, mas a minha tia me prendia muito, porquê:
55		ela... queria saber pra onde eu ia, com quem eu ia, por quê eu ia, e ela
56		não deixava eu sair, ela sempre foi muito super protetora.
57		Daí então, eu comecei assim, vi que ela tava desconfiando de mim,
58		então, eu assumi pra minha mãe e pra minha irmã...
59		O rapaz com quem eu ficava tinha vinte e três anos, e:: foi o primeiro
60		namoradinho que eu arrumei. (3.0)
61		Então, eu assumi pra minha mãe e pra minha irmã, eu não assumi pra
62		minha tia, porquê é: como eu não- eu não morava com a minha mãe e
63		eu senti que a minha tia estava desconfiada de mim, eu achei melhor-
64		eu achei que a minha mãe devia ser a primeira a saber, a
65		homossexualidade, então, eu decidi ir até ela e contar.
66		A minha mãe falou pra mim que ela já tinha desconfiado, <u>ela antes</u> de
67		eu assumir, ela desconfiava de mim e no fundo, no fundo, ela já sabia
68		que eu era homossexual,
69		então, depois que eu assumi ficou melhor, porque a nossa relação
70		fico:u assi:m... é:: sem nenhuma mentira.
71		Ela desconfiava porquê, ela dizia pra mim, que eu era- escondia as
72		coisas dela, ela sentia que eu não falava a verda:de e que ela era
73		mãe e mãe sempre sabe dessas coisas, sabe quando o filho está
74		sendo sincero ou não. (3.0)
75		E:u não consigo isso, porquê eu acho que: a minha mãe, eu-eu eu
76		acho que... eu não-não queria esconder nada dela, simplesmente eu
77		não: ficava dando nenhuma explicação,
78		eu não falava pra onde eu i::a, com quem eu i::a, porquê às vezes
79		ela queria saber, ela e a minha tia, elas questionavam muito isso.

No fragmento 9, encontramos uma indicação de uma proposição que o narrador sente a necessidade de que seja provada: “Hoje eu me declaro homossexual” e segue-se então uma seqüência de razões: “porquê: eu já tive relacionamentos com outros homens”, “eu gosto de ficar com homens” (linhas 43 a 45).

A seguir, Pedro constrói a crônica, trazendo a sua construção social (16 anos), seus desejos e necessidades (linhas 46 a 52), o contexto de encontro do parceiro (linhas 53, 54, 59, 60) e as relações com a tia (linhas 54 a 57, 61 a 63), a mãe, a irmã (linhas 58, 61, 64, 65, 66 a 68). As personagens na rede familiar são importantes no instante em que define para si mesmo a sua construção identitária em relação à sexualidade. Com as pessoas da rede familiar, ele constrói diferentes relações: de evitação com a tia, de assumir primeiro para a mãe e a irmã. Sua crônica traz também uma avaliação de ordem moral (linhas 69 e 70).

Na linha 76, “Não queria esconder nada dela”, antes da fala da mãe quando ela diz que “sentia que eu não falava a verdade” (linha 72), podemos perceber aspectos discursivos ligados à representação positiva do seu “eu” e aos papéis sociais desempenhados por pais e filhos. A estratégia que ele utiliza, ao citar a fala da mãe, constrói e mantém uma imagem favorável ou positiva dele quando diz que não queria esconder nada dela. Ele repete em sua narração uma fala da mãe que representa um papel social que uma mãe exerce na família, com os filhos e que também está no imaginário ou senso comum, qual seja: uma mãe é um ser divino que sente e sabe tudo o que se passa com seu filho: “mãe sempre sabe dessas coisas, sabe quando o filho está sendo sincero ou não” (linha 73).

Pedro projeta o seu “eu” na relação consigo próprio, com a mãe e com o próprio discurso em construção. Primeiramente, exerce o seu papel em uma relação em que se estabelece a verdade e a confiança. Este acordo firmado, relação de confiança, de falar a verdade não esconder nada, entre mães e filhos é ameaçado com a desconfiança da mãe e os segredos do filho. Essa relação que exige a verdade e que também é pautada na heteronormalidade muitas vezes faz com que o adolescente não encontre espaço para falar sobre a sua sexualidade. Pedro não queria mentir, mas não conseguia contar sobre o seu homoerotismo, assim vemos o conflito em que ele, um adolescente, encontra-se envolvendo a família, pois os seus pais não o educaram para ser homoerótico.

O momento que Pedro diz que não queria esconder nada de sua mãe é de tensão, e notamos isso na constante mudança de ritmo e seqüência na estrutura de produção: “eu acho que: a minha mãe eu-eu eu acho que... eu não-não queria esconder nada dela” (linhas 75 e 76). Ele enquadra os eventos e, ao mesmo tempo, negocia as relações interpessoais, ou alinhamentos, que constituem tais eventos,

como vemos na repetição das expressões “eu acho que”, “eu acho”, intercalado com a expressão “a minha mãe”, evidenciando a importância que ela tem nesse momento, pois retoma a figura dela no meio de um período que se remete a outro assunto da fala, o que fortalece a idéia de que não queria esconder da mãe o seu homoerotismo.

Neste capítulo, procurei investigar como é o processo de construção da homossexualidade de um adolescente, através de seus relatos, mostrando a rede social de convívio e as suas relações. Para este fim, analisei os diferentes posicionamentos e alinhamentos nessas relações com implicações para sair ou permanecer no armário. Cheguei então, às constatações que se seguem.

Pedro constrói o início de sua homossexualidade através de narrativas labovianas, crônicas e explicações. Recapitula experiências para exemplificar mais a sua iniciação da homossexualidade. Ele projeta o seu ‘eu’ de várias formas durante toda a entrevista (Goffman, [1981]2002, p. 133-142). Primeiro, como ele escolhe as palavras e seleciona os sentimentos que foram expressos, ele apresenta-se como autor, mas ele também é o responsável, pois assume posições e está comprometido com o que as suas palavras expressam. Pedro, ainda, exerce a função de figura, pois projeta uma imagem no discurso a qual ele pertence.

Durante a entrevista, Pedro usa o recurso da repetição como avaliação, principalmente nas narrativas sobre as relações conflituosas com a família e o silenciamento com estranhos, contribuindo para a percepção dos seus alinhamentos e posicionamentos.

A relação com o pai é feita com o posicionamento de evitação de sua homossexualidade e com um alinhamento que difere das categorias construídas identitárias de como ser homem pelo pai. Percebemos que Pedro constrói o seu *self* baseando-se no outro, principalmente quando sente que a sua homossexualidade pode ser revelada ou descoberta e projeta o seu “eu” na relação consigo próprio, com a mãe e com o próprio discurso em construção.

O estigma tem uma força na vida de Pedro, que este teme a rejeição de seus familiares, amigos e estranhos. Por causa disso, assume-se como homoerótico somente para as pessoas em que confia (mãe, irmã e amigos), silencia o seu homoerotismo nas relações estabelecidas com a tia, colegas

heterossexuais e estranhos Liang (1999). Por fim, assume uma postura de evitação do seu homoerotismo com o pai.

Em suas co-construções e interações, Pedro levou em conta a aceitação ou não do seu *self* pelos participantes e o poder de cada participante tem dentro ou fora da interação. Em relação aos estranhos, esses elementos fizeram com que Pedro permanecesse ‘no armário’ (Liang, 1999; Land & Kitzinger, 2005).